

FICHA TÉCNICA

Título original: *The Secret History*

Autora: *Donna Tartt*

Copyright © 1992 by Donna Tartt

Tradução © Editorial Presença, Lisboa, 2015

Tradução: *Pedro Serras Pereira*

Imagem da capa: *Shutterstock*

Capa: *Vera Espinha/Editorial Presença*

Composição, impressão e acabamento: *Multitipo — Artes Gráficas, Lda.*

1.ª edição, Lisboa, junho, 2015

Depósito legal n.º 393 702/15

Reservados todos os direitos
para a língua portuguesa (exceto Brasil) à

EDITORIAL PRESENÇA

Estrada das Palmeiras, 59

Queluz de Baixo

2730-132 BARCARENA

info@presenca.pt

www.presenca.pt

Indagando agora da gênese de um filólogo, afirmo o seguinte:

1. É impossível a um jovem saber o que são os gregos e os romanos.
2. Não pode saber se está realmente apto a entendê-los.

Unzeitgemässe Betrachtungen
Friedrich Nietzsche

Ora vamos lá! Usemos da imaginação e passemos uma hora bem passada a contar histórias, que as nossas histórias servirão para educar os nossos heróis.

A República, Livro II
Platão

PRÓLOGO

A neve nas montanhas estava a derreter e Bunny já tinha morrido há várias semanas quando tomámos consciência da gravidade da nossa situação. Já estava morto há vários dias quando foi encontrado, estão a ver. Foi uma das maiores caças ao homem da história do Vermont — veio a polícia estadual, o FBI, um helicóptero do exército e tudo. A universidade fechou, a tinturaria fechou, veio gente de New Hampshire, de Nova Iorque, de Boston, até.

Custa a crer que um plano tão modesto como o de Henry tenha sido tão bem-sucedido apesar destes acontecimentos imprevistos. Não era nossa intenção esconder o corpo de maneira a não ser descoberto. A verdade é que nem sequer o tínhamos tentado esconder, limitáramo-nos a abandoná-lo na esperança de que algum transeunte desafortunado viesse a tropeçar nele antes que alguém desse pela sua falta. Seria uma história simples e fácil de contar: as rochas soltas, o corpo ao fundo da ravina com uma fratura no pescoço, e as pegadas fundas e enlameadas dos tacões a resvalar pela encosta abaixo. Um acidente de excursionismo, nada mais. E podia muito bem ter ficado por aí, em lágrimas contidas num funeral discreto, não fora a neve que caiu nessa noite, que o cobriu sem deixar rasto, até que dez dias mais tarde, quando a neve finalmente derreteu, a polícia estadual, o FBI e os voluntários da cidade se aperceberam todos de que tinham andado às voltas por cima do cadáver até o soterrarem numa camada de neve comprimida como gelo.

* * *

Custa a acreditar que um ato pelo qual fui parcialmente responsável tenha provocado um tal alvoroço, tanto mais se pensar que podia perfeitamente ter passado por lá — no meio das objetivas, dos uniformes, da multidão espalhada pelo Monte Cataract como formigas num açucareiro — sem levantar a mais leve suspeita. Mas, passar por lá era

uma coisa, ao passo que fugir, infelizmente, era outra completamente diferente, e embora na altura julgasse que tinha abandonado aquela ravina para sempre nessa tarde de abril, hoje já não tenho assim tanta certeza. Agora que as operações de busca acabaram, e que a vida se tornou mais calma à minha volta, cheguei à conclusão de que por mais anos que tenha passado a tentar imaginar-me noutras sítios, a verdade é que estive sempre ali: lá em cima junto aos rodados de lama sobre a relva recém-nascida, ali onde o céu escuro envolve as flores irrequietas das macieiras, com o ar já impregnado do primeiro arrepio da neve que irá cair nessa noite.

O que é que estão aqui a fazer?, perguntou Bunny, surpreendido por nos ver aos quatro ali à sua espera.

Ora, viemos aos fetos, disse Henry.

E depois de sussurrarmos tudo o que tínhamos a sussurrar no meio dos arbustos — uma última espreitadela ao corpo e um último relance de olhos em volta, nada de chaves perdidas, óculos esquecidos, ninguém se esqueceu de nada? — lá seguimos em fila indiana pelo bosque. Eu olhei uma última vez através dos rebentos espontados a fechar o caminho atrás de mim. Lembro-me da caminhada de volta e dos primeiros flocos de neve solitários que sobrevieram flutuantes por entre os pinheiros, da satisfação que senti ao saltar para dentro do carro e de termos seguido viagem como uma família em férias. Henry com os dentes cerrados a deslizar sobre as poças de água e nós todos inclinados sobre os bancos a tagarelar como crianças, e embora me lembre melhor ainda da noite longa e terrível que tinha pela frente, bem como de todos os dias e noites longos e terríveis que se seguiram, basta-me um simples relance de olhos sobre o ombro para apagar todos esses anos de uma penada, e volto então a vê-la atrás de mim, a ravina, erguendo-se toda verde e negra por entre os rebentos, uma imagem que jamais me abandonará.

Julgo que houve um tempo em que teria tido inúmeras histórias para contar, mas agora não há mais nenhuma. Esta é a única história que alguma vez serei capaz de contar.

LIVRO PRIMEIRO

CAPÍTULO 1

Será que essa tal «imperfeição fatal», essa falha negra e aparatosa rasgada a meio da vida de uma pessoa existe realmente, fora da literatura? Eu julgava que não. Agora acho que sim. E acho que a minha é esta: uma apetência mórbida pelo pitoresco a todo o custo.

À moi. L'histoire d'une de mes folies.

O meu nome é Richard Papen. Tenho vinte e oito anos e nunca tinha visitado a Nova Inglaterra nem ouvido falar na Universidade de Hampden até aos meus dezanove anos. Sou californiano de nascimento e também, como vim a descobrir recentemente, por natureza. Isto é algo que só agora reconheço, mas sem grande importância.

Cresci em Plano, uma pequena aldeia no norte em Silicon Valley. Não tenho irmãos nem irmãs. O meu pai tinha uma bomba de gasolina e a minha mãe costumava estar em casa até eu crescer e os tempos se tornarem mais difíceis, altura em que arranjou um emprego a atender telefones numa das grandes fábricas de microcomponentes eletrónicos nos arredores de San José.

Plano. O seu nome evoca cinemas ao ar livre, casas amplas, ondas de calor elevando-se do asfalto. Os anos que aí passei proporcionaram-me todo um passado por gastar, disponível como um copo de plástico. O que de certa forma terá sido um grande privilégio, suponho eu. Ao sair de casa foi-me possível fabricar uma história nova, de longe mais satisfatória, particularmente permeável a influências simplistas e extraordinárias. Um passado colorido, facilmente acessível a estranhos.

O fascínio desta infância fictícia — cheia de piscinas e laranjais e de pais dissolutos e encantadores do mundo do espetáculo — quase logrou eclipsar o cinzentismo original. Com efeito, quando penso na minha verdadeira infância sou incapaz de recordar grande coisa para além de meia dúzia de objetos tristes: os ténis que usava durante o ano, os livros para colorir do supermercado ou a velha bola de futebol americano deformada com que entrava nos jogos do bairro. Nada de

muito interessante, muito menos de belo. Era um rapaz calado, alto para a idade, atreito a sardas. Não tinha muitos amigos, não sei se por feitio se por força das circunstâncias. Era um aluno razoável, ao que parece, mas estava longe de ser brilhante. Gostava de ler — *Tom Swift*, os livros de Tolkien — mas também de ver televisão, o que fazia sobejamente, estendido na alcatifa da sala depois da escola, em longas tardes fastidiosas.

Sinceramente, não me ficou grande coisa desses anos para além de um certo estado de espírito que permeou a maior parte deles, um sentimento de melancolia que ainda hoje associo ao «Mundo Maravilhoso de Disney», que costumava ver aos domingos à noite. Domingo era um dia triste — tinha de ir cedo para a cama para ir para a escola na manhã seguinte, e estava sempre com medo de ter os trabalhos de casa mal feitos — mas quando via o fogo de artifício deflagrar no céu noturno sobre os castelos iluminados da Disneylândia, era consumido por um sentimento de medo mais vasto, uma sensação de aprisionamento total naquele terrível vaivém entre a casa e a escola: circunstâncias que, pelo menos para mim, constituíam um argumento empiricamente irresistível para a melancolia. O meu pai era mau, a nossa casa feia, e a minha mãe não me dava grande atenção. As minhas roupas eram baratas, o meu corte de cabelo demasiado curto e na escola ninguém parecia gostar de mim por aí além, e como a minha vida tinha sido sempre assim desde que me lembrava de ser gente, sentia que as coisas iriam continuar indefinidamente nesta toada depressiva, tanto quanto me era dado antever. Em suma: sentia-me maculado na minha existência, de um modo subtil mas fundamental.

Dito isto, julgo que não é de admirar a minha dificuldade em reconciliar a minha vida com a dos meus amigos ou, pelo menos, com as vidas deles tal como eu as concebo. Charles e Camilla são órfãos (ah, como eu ansiava por este destino cruel!) que foram criados por avós e tios-avós numa casa na Virginia: uma infância como eu gosto de imaginar, com cavalos, rios e liquidâmbares. E Francis. A mãe tinha apenas dezassete anos quando ele nasceu — uma rapariga de sangue fraco, ruiva e caprichosa, com um pai rico, que fugiu de casa com o baterista dos Vance Vane e os seus Mancebos Musicais. Ao fim de três semanas já estava em casa, o casamento foi anulado passado mês e meio, e, como Francis tanto gosta de dizer, os avós criaram-nos como irmã e irmão, a ele e à sua mãe, educando-os de modo tão magnânimo que até as alcoviteiras se deixavam impressionar — amas inglesas e colégios privados, verões na Suíça, invernos em França. Até o próprio Bunny, se quiserem, por muito aldrabão que fosse. Tal como eu, também não terá tido uma infância apapricada com casacos de pele e aulas de dança.

Mas teve uma infância americana. Filho de uma estrela de futebol americano reconvertida em banqueiro. Quatro irmãos, todos rapazes, numa grande casa barulhenta nos arredores da cidade, com barcos à vela, raquetes de ténis e cães de caça à disposição. Férias em Cape Cod, colégios internos nos arredores de Boston e piqueniques de atrelado durante a época de futebol, uma educação vividamente marcada em Bunny, de variadíssimas maneiras, desde a forma como nos apertava a mão à maneira como contava uma anedota.

Não tenho nem nunca tive nada em comum com nenhum deles, nada a não ser alguns conhecimentos de grego e o ano que passei na sua companhia. E o amor, se é que o amor pode ser uma coisa em comum, embora saiba que isto pode soar algo estranho à luz da história que eu vos vou contar.

Como começar.

Depois de concluir o liceu fui para uma pequena escola superior na minha cidade natal (os meus pais eram contra, deixando muito claro que esperavam que eu fosse ajudar o meu pai a tomar conta da bomba, uma das razões por que eu estava tão desejoso de me matricular) e, ao longo dos dois anos em que estive lá, estudei grego antigo. Isto não se deveu a nenhum amor especial à língua, mas tão-somente ao facto de eu ter seguido a área de Saúde (o dinheiro era a única maneira de eu melhorar a minha sina, os médicos ganham montes de dinheiro, estão a ver? *quod erat demonstrandum*) e de o meu orientador me ter aconselhado a fazer uma cadeira de língua para satisfazer o requisito das Humanidades. Ora, como as aulas de grego tinham lugar na parte da tarde, escolhi o Grego a fim de poder dormir até tarde às segundas-feiras. Foi uma decisão inteiramente fortuita que, como verão, se viria a revelar bastante fatídica.

Eu era bom em grego, passei com distinção, e cheguei a ganhar uma menção honrosa do departamento de Estudos Clássicos no meu último ano. Era a minha aula favorita por ser a única que tinha lugar numa sala de aula normal — não tinha frascos com corações de vacas, não cheirava a formol, não tinha jaulas cheias de macacos aos guinchos. A princípio, ainda pensei que com uma boa dose de trabalho e dedicação me fosse possível superar essa repulsa e falta de gosto pela minha área vocacional, que um empenho redobrado talvez me permitisse estimular alguma forma de talento para a coisa. Mas não foi o caso. À medida que os meses passavam continuava desinteressado, para não dizer pior, pelos meus estudos de biologia. As minhas notas eram medíocres; era menosprezado quer por colegas quer por professores. Sem dizer nada aos meus pais, transferi-me para o curso de Literatura Inglesa, no que até a mim me pareceu ser um gesto pírrico

e condenado. Sentia que estava a cortar o meu próprio pescoço, que iria arrepende-me de certeza absoluta, pois continuava convencido de que era preferível soçobrar numa área lucrativa do que singrar em estudos que o meu pai (que não percebia nada nem de finanças nem de academias) me assegurara não serem minimamente viáveis do ponto de vista financeiro. O que resultaria, inevitavelmente, na minha permanência lá em casa a pedir-lhe dinheiro para o resto da vida, dinheiro esse que não fazia a menor tenção de me facultar, asseverava ele com veemência.

Comecei então a estudar literatura, de que gostava muito mais, mesmo assim. Do que eu não gostava nada era de estar em casa. Acho que sou incapaz de exprimir o desespero que me inspirava o mundo à minha volta. Embora hoje desconfie, dadas as circunstâncias, e a minha predisposição natural, que teria sido infeliz em qualquer parte do mundo, fosse em Biarritz, em Caracas ou na ilha de Capri, na altura estava plenamente convencido de que a minha infelicidade era inerente àquele sítio. E talvez fosse, em parte. Se até certo ponto Milton tem razão — quando diz que a alma é a sua própria morada e que encerra em si mesma o poder de fazer o Céu do Inferno e por aí fora —, parece claro, ainda assim, que os fundadores de Plano modelaram a sua própria cidade à imagem não do Paraíso mas dessa outra cidade, mais dolorosa. No liceu, apanhei o hábito de vaguear pelas alamedas a ver as lojas depois da escola, debruçando-me sobre as vitrines frias e brilhantes até ficar de tal maneira tonto com tantos bens de consumo e códigos de barras, com a sucessão de passeios, escadas rolantes, espelhos, luzes e música de fundo, que sentia um fusível rebentar-me no cérebro e de um momento para o outro tudo se tornava ininteligível: cor sem forma, um balbuciar de moléculas desconjuntadas. Depois caminhava que nem um zombie até ao parque de estacionamento e seguia para o campo de basebol, onde já nem sequer saía do carro, ali permanecendo sentado com as mãos em cima do volante a olhar para a vedação de arame farpado e para a erva seca até o sol desaparecer e já ser escuro de mais para ver fosse o que fosse.

Embora na minha confusão achasse que a origem da minha insatisfação era essencialmente boémia, e vagamente marxista (quando era adolescente fazia um grande espalhafato em torno do marxismo, mais para irritar o meu pai do que outra coisa), a verdade é que ainda estava longe de a compreender, e teria ficado bastante zangado se alguém sugerisse que ela se devia a uma acentuada veia puritana na minha natureza, como era efetivamente o caso. Ainda não há muito tempo descobri esta passagem num caderno antigo, que escrevi por volta dos dezoito anos: «Há para mim um cheiro putrefacto em todo este sítio, um cheiro igual ao da fruta demasiado madura. Jamais, em parte

alguma, foram os mecanismos mais hediondos do nascimento, da copulação e da morte — essas monstruosas insurreições da vida a que os gregos chamam *miasma*, ou aviltamento — tão brutais ou pintados de forma tão especiosa; nunca se viu tanta gente depositar tamanha fé em tais mentiras, volubilidade e morte, morte, morte.»

Isto é bastante duro, creio eu. A julgar pelo tom, se não me tivesse ido embora da Califórnia, talvez tivesse acabado num culto secreto ou pelo menos a fazer uma qualquer dieta maluca e restritiva. Recordo-me de ter lido algumas coisas sobre Pitágoras por essa altura, e de ter achado algumas das suas ideias curiosamente cativantes — usar vestes brancas, por exemplo, ou a abstinência de comidas dotadas de alma.

Mas em vez disso acabei por ir para a costa leste.

Aterrei em Hampden por um capricho do destino. Uma bela noite, num interminável feriado de Ação de Graças, com chuva lá fora, groselhas em lata, um murmurinho de jogos de basebol brotando da televisão, fui para o meu quarto depois de uma discussão com os meus pais (já não me recordo exatamente do motivo que desencadeou esta discussão em particular, mas lembro-me que passávamos a vida a discutir por causa do dinheiro e da escola) e estava eu a revolver o roupeiro à procura de um casaco quando uma brochura da Universidade de Hampden, Vermont, me caiu aos pés.

Já tinha dois anos, esta brochura. Tinha recebido bastante correspondência de várias universidades por ter tido boas notas nos meus exames de admissão embora não suficientemente boas para me assegurar fosse o que fosse em termos de bolsas. Esta tinha ficado esquecida no meu livro de Geometria durante mais de um ano.

Não sei como é que ela tinha ido parar ali ao roupeiro. Suponho que a devo ter guardado por ser tão bonita. No meu ano de finalista, tinha passado dezenas de horas a estudar as fotografias como se o facto de olhar para elas demorada e ansiosamente pudesse, por uma qualquer espécie de osmose, ser transportado para o seu silêncio puro e cristalino. Ainda hoje me lembro dessas fotografias, como se fossem ilustrações de um livro adorado da minha infância. Prados radiosos, montanhas nebulosas e esbatidas na distância, folhas pelos tornozelos numa caminhada ao vento num dia de outono, fogueiras ao ar livre, nevoeiro nos vales, violoncelos, persianas escuras, a neve.

Universidade de Hampden, Hampden, Vermont. Fundada em 1895. (Isto era só por si motivo de espanto: em Plano, não sabia de nada que tivesse sido fundado antes de 1962.) Número de estudantes, quinhentos. Sistema misto. Progressista. Especializada em artes liberais. Altamente seletiva. «Ao proporcionar um programa equilibrado e completo no estudo das Humanidades, procura não só garantir aos

estudantes uma base sólida e rigorosa na área escolhida como uma compreensão profunda de todas as disciplinas da arte, civilização e pensamento ocidentais. Ao fazê-lo, esperamos proporcionar ao indivíduo não apenas factos, mas também a matéria-prima e as ferramentas da sabedoria.»

Universidade de Hampden, Hampden, Vermont. Até o nome tinha uma cadência austera e anglicana, pelo menos para os meus ouvidos, que ansiavam em vão pela velha Inglaterra, insensíveis que eram aos ritmos doces e escuros das pequenas cidades missionárias. Fiquei um bom bocado a olhar para uma fotografia de um edifício a que eles chamavam os Comuns. Era bafejado por uma luz ténue e académica — diferente de Plano, diferente de tudo o que eu conhecera até aí —, uma luz que me fazia pensar em longas horas passadas em bibliotecas poeirentas, a folhear livros antigos em silêncio.

A minha mãe bateu à porta e disse o meu nome. Eu não respondi. Recortei o formulário da contracapa da brochura e comecei a preenchê-lo. *Nome:* John Richard Papen. *Morada:* 4487 Travessa das Mimosas; Plano, Califórnia. Deseja receber informação relativa a Apoio Financeiro? Sim (Como é óbvio). E pu-lo no correio na manhã seguinte.

Os meses que se seguiram foram uma batalha terrível e impiedosa de papelada, cheia de impasses, uma guerra de trincheiras. O meu pai recusou-se a preencher os papéis do apoio financeiro. Por fim, em desespero de causa, roubei as declarações dos impostos do porta-luvas do *Toyota* e preenchi-as eu mesmo. Nova espera. Até que chegou uma nota da reitoria. Era requerida uma entrevista, mas quando é que eu podia apanhar um voo para Vermont? Não tinha como pagar a viagem para Vermont, e escrevi de volta a explicar isso mesmo. Nova espera, mais uma carta. A Universidade reembolsar-me-ia das despesas de deslocação no caso de a sua proposta de bolsa de estudo ser aceite. Entretanto, chegara o pacote da ajuda financeira. A contribuição familiar era mais do que o meu pai afirmava poder comportar, e dizia que não pagava. Esta espécie de combate de guerrilha arrastou-se por oito meses. Ainda hoje não consigo compreender claramente a sucessão de acontecimentos que me levaram até Hampden. Houve professores simpáticos a escrever cartas; abriram-se vários tipos de exceções para o meu caso. E menos de um ano volvido desde o dia em que tive o impulso de preencher aquele questionário ajoelhado na tapete dourada e lanuda do meu quarto em Plano, já eu estava a sair do autocarro em Hampden com cinquenta dólares no bolso e uma mala em cada mão.

Nunca tinha estado a leste de Santa Fé, nem a norte de Portland, e — quando saí do autocarro depois de uma noite longa e ansiosa que começara algures no Illinois — eram seis horas da manhã, o sol raiava

sobre as montanhas, as bétulas, e os prados de um verde inverosímil; e para mim, aturdido pela noite, pela falta de sono e por três dias de estrada, aquilo era como um sonho.

As residências não eram bem dormitórios — pelo menos, nada de parecido com os dormitórios que eu conhecia, com paredes de cinza e uma luz amarelada e deprimente — mas sim casas brancas de madeira com persianas verdes, alinhadas nas traseiras dos Comuns em arvoredos de bordos e freixos. Mesmo assim nunca me passou pela cabeça que o meu quarto, fosse lá onde fosse, pudesse deixar de ser feio e decepcionante e foi com uma espécie de choque que o vi pela primeira vez — um quarto com janelas viradas a norte, despojado e monacal, com um sobrado nodoso e um teto inclinado como um sótão. Na primeira noite que lá passei, sentei-me na cama ao lusco-fusco enquanto as paredes passavam lentamente de cinzento a dourado e negro, escutando uma voz de soprano oscilar distraidamente para baixo e para cima algures no corredor até a luz se extinguir por completo, e o soprano longínquo prosseguir em espirais sem fim na escuridão como um anjo da morte, e não me lembro de alguma vez sentir um ar tão frio e rarefeito como nessa noite, ou de alguma vez me sentir mais longe das linhas aplainadas e poeirentas de Plano.

Esses primeiros dias, antes de as aulas começarem, passei-os sozinho no meu quarto caído, nos arvoredos reluzentes de Hampden. E fui realmente feliz nesses primeiros dias, vagueando como num sonho, inebriado e deslumbrado com a beleza do lugar. Um grupo de meninas com as bochechas rosadas a jogar futebol, rabos-de-cavalo ao vento, os seus gritos e gargalhadas pairando suavemente sobre o campo aveludado ao entardecer. Árvores repletas de maçãs, maçãs tombadas vermelhas sobre a relva, o seu perfume doce e maduro no chão e o zumbido constante das vespas de volta delas. A torre do relógio dos Comuns: hera e tijolo, pináculo branco, uma visão encantada e enevoada na distância. O choque de ver pela primeira vez uma bétula durante a noite, erguendo-se esbelta e serena como um fantasma na escuridão. E as noites, maiores do que a imaginação: negras, longas e tempestuosas, conturbadas e repletas de estrelas.

* * *

Estava a pensar matricular-me em Grego outra vez, visto ser a única língua que dominava para além do inglês. Mas quando expliquei isto ao conselheiro de estudos que me tinha sido atribuído — um professor francês chamado Georges Laforgue, um homem moreno com um nariz afilado de narinas oblongas como uma tartaruga —, ele limitou-se a sorrir, comprimindo as pontas dos dedos.

— Receio que possa haver um pequeno problema — disse ele, com um sotaque afrancesado.

— Porquê?

— Só existe um professor de grego antigo e acontece que ele é muito cioso dos seus alunos.

— Eu estudei grego durante dois anos.

— Isso poderá vir a ser irrelevante. Para além disso, se pretende formar-se em Literatura Inglesa vai precisar duma língua moderna. Ainda há vagas na minha aula de Francês Elementar bem como em Alemão e Italiano. Quanto ao Espanhol — fez uma pausa para consultar a sua lista —, as aulas de Espanhol estão praticamente cheias mas se quiser posso dar uma palavra a Mr. Delgado.

— Talvez pudesse falar antes com o professor de Grego.

— Não sei se valeria a pena. Ele só aceita um grupo restrito de alunos. *Muito* restrito mesmo. Para além disso, em minha opinião, costuma proceder à seleção dos alunos com base em critérios pessoais, e não académicos.

A sua voz deixava transparecer uma pontinha de sarcasmo, assim como a sugestão de que, se eu achava que ia tudo dar ao mesmo, era preferível pôr termo a esta nossa conversa.

— Não entendo o que quer dizer — disse eu.

Na verdade, julgava que entendia muito bem, mas a resposta de Laforgue surpreendeu-me.

— Não é nada disso — disse ele. — É claro que se trata de um académico distinto. Uma pessoa encantadora, aliás. O que ele tem são ideias muito peculiares acerca do ensino, no meu entender. A verdade é que tanto ele como os alunos não têm praticamente nenhum contacto com o resto do departamento. Não sei porque é que continuam a pôr a cadeira dele na lista — induz as pessoas em erro, todos os anos se gera uma confusão qualquer por causa disso, porque, para efeitos práticos, as aulas dele estão encerradas. Consta que para se ter aulas com ele é preciso ter feito as leituras certas, partilhar das mesmas opiniões. Tem vindo a rejeitar alunos que vêm de Estudos Clássicos, como você, repetidamente, ano após ano. Comigo — ergueu uma sobrançelha —, qualquer aluno devidamente qualificado que queira aprender o que eu ensino é admitido na minha aula. Bastante democrático, não? É a melhor maneira.

— Essas coisas acontecem com frequência?

— Claro que sim. Existem professores difíceis em qualquer escola. E aqui — para meu espanto, baixou a voz — temos *muitos* que são bem piores do que ele. Embora seja obrigado a pedir-lhe que não faça eco destas palavras.

— De modo algum — disse eu, algo surpreendido com este tom inusitadamente confessional.

— Francamente, é essencial que não o faça. — Estava inclinado para a frente, sussurrando, a sua pequena boca mal se mexia enquanto falava. — Devo insistir. Talvez não esteja ao corrente, mas eu tenho vários inimigos no Departamento de Literatura. Inclusive, e por incrível que lhe pareça, *no meu próprio departamento*. Para além disso — continuou ele num tom mais normal —, trata-se de um caso especial. Já ensina nesta casa há muitos anos e recusa-se, inclusivamente, a ser remunerado pelo seu trabalho.

— Porquê?

— É um homem muito rico. Doa o salário à escola, embora aceite, segundo julgo saber, um dólar por ano para efeitos fiscais.

— Ah — disse eu. Embora só estivesse em Hampden há poucos dias, já estava habituado às declarações públicas das dificuldades financeiras, da insuficiência das doações, das supressões orçamentais.

— Já eu — disse Laforgue —, também gosto muito de ensinar, mas tenho uma mulher e uma filha a estudar em França — por isso, o dinheiro até dá muito jeito, não?

— Acho que vou falar com ele, de qualquer maneira.

Laforgue encolheu os ombros. — Pode tentar. Mas aconselho-o a não marcar entrevista, já que o mais provável é ele não o receber. O nome dele é Julian Morrow.

Eu não estava particularmente interessado em seguir Grego, mas as palavras de Laforgue haviam-me intrigado. Desci as escadas e entrei no primeiro gabinete que me apareceu à frente. Sentada à secretária na sala frontal estava uma mulher mal-encarada de cabelos loiros desmaiados a comer uma sanduíche.

— É a minha hora de almoço — disse ela. — Pode voltar a partir das duas.

— Desculpe. Estava apenas à procura do gabinete de um professor.

— Bom, eu sou uma secretária, não sou a porteira. Mas talvez possa ajudar. De quem é que se trata?

— Do Professor Julian Morrow.

— Ah, esse — disse ela, surpreendida. — O que é que você quer com ele? Está lá em cima, creio eu, no Lyceum.

— Em que sala?

— É o único professor que lá está. Gosta de estar em paz e sossego. Não lhe vai ser difícil encontrá-lo.

Na verdade, não foi nada fácil dar com o Lyceum. Era um pequeno edifício ao fundo do campus, muito velho, e de tal modo coberto de trepadeiras que chegava a confundir-se com a paisagem circundante. No piso de baixo ficavam as salas de aulas e de conferências, todas vazias, com os quadros lustrosos e os soalhos encerados de

fresco. Deambulei perdido pelos corredores até dar com a escadaria — pequena e mal iluminada — no canto mais recôndito do edifício.

Ao chegar lá acima, dei por mim num corredor comprido e deserto. Entretido com o chiar dos meus sapatos no linóleo, avancei num passo alegre e expedito, atento aos números e aos nomes das portas fechadas, até chegar a uma que tinha um painel de estanho com uma placa gravada lá dentro onde se lia: JULIAN MORROW. Detive-me por alguns instantes e bati à porta — três pancadas secas.

Passou-se cerca de um minuto, depois outro, até que a porta branca se entreabriu numa pequena fresta de onde assomou uma cara a olhar para mim. Era uma cara pequena e sábia, ponderada e suspensa como um ponto de interrogação, e apesar da sugestão de juventude que ressaltava de alguns dos seus traços — as sobranceiras élficas varridas para cima, as linhas esbeltas do nariz, do queixo e da boca — não era de modo nenhum uma cara jovem, e o cabelo era branco como neve. Não costumo ser nada mau a adivinhar a idade das pessoas, mas com esta nem sequer me atrevia a arriscar um palpite.

Fiquei ali espedado por alguns instantes enquanto ele me trocava as voltas com os seus olhos azuis, pestanejando.

— Em que posso ajudar? — A voz era razoável e gentil, com aquele tom que os adultos simpáticos costumam usar para com as crianças.

— Eu... bem, o meu nome é Richard Papen...

Ele pôs a cabeça do lado de cá e voltou a pestanejar, com os seus olhos vivos e claros, amigável como um pardal.

— ... e gostava de me inscrever na sua cadeira de Grego Antigo.

O queixo caiu-lhe. — Oh, lamento muito. — O seu tom de voz, por incrível que pareça, dava a entender que lamentava mesmo, mais até do que eu. — Não haveria nada que me desse maior prazer, mas receio bem que já não haja vagas. A minha aula já está preenchida.

Houve qualquer coisa neste queixume que me encorajou. — Há de haver uma maneira — disse eu. — Um aluno extra...

— Lamento imenso, Mr. Papen — disse ele, como se estivesse a consolar-me da morte de uma pessoa querida, tentando fazer-me compreender a sua impotência para me ajudar de um modo substantivo. — Tive de me cingir a um grupo de cinco alunos e nem sequer quero imaginar o que seria admitir mais algum.

— Cinco alunos não é assim tanto.

Ele abanou a cabeça bruscamente, como se as minhas súplicas fossem algo de intolerável.

— Com toda a franqueza, adorava tê-lo na minha aula, mas trata-se de algo que eu nem sequer devo considerar — disse ele. — Lamento imenso. Agora, desculpar-me-á, mas tenho um aluno comigo.

Passou-se mais de uma semana. Comecei as minhas aulas e arranjei um emprego com um professor de psicologia chamado Dr. Roland. (A ideia era prestar-lhe assistência numa alegada «investigação», cuja natureza nunca cheguei a descobrir. Era um homem já velho, com um ar tresvariado e confuso, um behaviorista, que passava a maior parte do tempo a preguiçar na sala dos professores.) E fiz alguns amigos, sobretudo caloiros que viviam na minha residência. *Amigos* talvez não seja a palavra exata. Tomávamos as refeições juntos, víamo-nos uns aos outros a entrar e a sair, mas, no essencial, aquilo que nos unia era o facto de nenhum de nós conhecer mais ninguém — uma situação que na altura não me parecia necessariamente desagradável. Entre as poucas pessoas que eu conhecia que já estavam em Hampden há algum tempo, procurei informar-me melhor sobre Julian Morrow.

Quase toda a gente tinha ouvido falar dele, pelo que me foi dado obter todo um acervo de informações contraditórias mas fascinantes: que era um homem brilhante; que era uma fraude; que nem sequer tinha um grau académico; que tinha sido um grande intelectual nos anos quarenta, amigo de Ezra Pound e T. S. Eliot; que a sua herança provinha afinal de uma parceria numa instituição de crédito bem estabelecida ou, pelo contrário, da compra de uma propriedade hipotecada durante a Depressão; que fugira à tropa durante uma guerra (embora cronologicamente difícil de situar); que tinha laços com o Vaticano; que provinha de uma família real deposta no Médio Oriente; da Espanha de Franco. O grau de verdade que havia em tudo isto era, claro está, impossível de avaliar, mas quanto mais ouvia falar nele maior interesse me despertava, e comecei então a observá-lo, a ele e ao seu pequeno grupo de pupilos pelo campus. Quatro rapazes e uma rapariga. Vistos à distância, não havia neles nada de particularmente invulgar. A um olhar mais atento, porém, era um grupo singular e cativante — pelo menos para mim, que nunca tinha visto nada parecido com eles, e a quem suscitavam todo um conjunto de impressões pitorescas e inverosímeis.

Dois dos rapazes usavam óculos, curiosamente, do mesmo tipo: pequenos, antigos, de aros redondos e metálicos. O mais alto — e não era nada pequeno, bem mais de um metro e oitenta — tinha cabelos negros, um queixo forte e uma tez rude e pálida. Seria um rapaz porventura bonito se as suas feições não fossem tão pronunciadas e se os seus olhos não fossem tão vazios e inexpressivos por trás das lentes. Usava fatos escuros ingleses e um guarda-chuva (coisa rara em Hampden) e caminhava de um modo brusco e tenso por entre as hordas de *hippies*, *beatniks*, betinhos e *punks* com a formalidade autoconsciente

de uma velha bailarina, o que não deixava de ser surpreendente para alguém tão grande como ele. «Henry Winter», diziam os meus amigos quando eu apontava para ele ao longe, descrevendo um grande círculo para evitar um grupo de tocadores de bongós na relva.

O mais pequeno — que não era tão pequeno como isso — era um rapaz loiro e despreocupado de faces rosadas e pastilha elástica na boca, sempre jovial no trato, com os pulsos bem enterrados nos bolsos das calças esfarrapadas nos joelhos. Usava sempre o mesmo casaco, um *tweed* castanho e deformado com os cotovelos esfarrapados e mangas curtas, com um risco do lado esquerdo, e uma longa madeixa descaída sobre uma das lunetas. O seu nome era Bunny Corcoran, sendo Bunny uma espécie de diminutivo de Edmund. A sua voz era forte e estridente, e ressoava bem alto nas salas do refeitório.

O terceiro rapaz era o mais exótico do grupo. Anguloso e elegante, de compleição magra e precária, tinha umas mãos nervosas, um rosto albino e perspícaz e os cabelos mais ruivos e flamejantes que eu alguma vez tinha visto. A princípio pensei (erradamente) que ele se vestia como Alfred Douglas, o conde de Montesquieu: belíssimas camisas engomadas com punhos franceses, gravatas magníficas, um sobretudo preto que ondulava atrás dele enquanto andava e que o fazia parecer um cruzamento entre um príncipe-estudante e Jack, o *Estripador*. Uma vez, para meu deleite, vi-o com um *pince-nez*. (Mais tarde, vim a descobrir que não era um *pince-nez* a sério, que se tratava apenas de um pedaço de vidro, e que os olhos dele eram bem mais agudos do que os meus.) Francis Abernathy era como se chamava. Posteriores sindicâncias viriam a suscitar suspeitas de alguns rapazes meus conhecidos, que cismavam acerca do meu interesse em tal personagem.

Por último, havia um casal, rapaz e rapariga. Costumava vê-los amiúde, e ao princípio julguei que fossem namorados, até que um dia me dei conta de que tinham de ser irmãos. Depois soube que eram gémeos. Eram muito parecidos, com os seus cabelos loiros escuros e os seus rostos epicenos, tão claros, alegres e distintos como um par de anjos flamengos. E o que era talvez mais raro em Hampden — onde abundavam pseudointelectuais e *teenagers* decadentes, e onde as roupas escuras eram *de rigueur* —, faziam questão de usar vestes claras, de preferência brancas. No meio daquele fervilhar de cigarros e sofisticação negra, surgiam como figuras alegóricas, ou como celebrantes ressuscitados de uma qualquer festa ao ar livre há muito esquecida. Não foi difícil descobrir quem eram visto serem os únicos gémeos do campus. Os seus nomes eram Charles e Camilla Macaulay.

E todos eles me pareciam altamente inacessíveis. Todavia, observava-os com todo o interesse sempre que sucedia encontrá-los: Francis,

curvando-se para falar com um gato no umbral da porta; Henry, passando que nem uma seta ao volante de um pequeno carro branco com Julian ao lado; Bunny debruçado para fora da janela lá em cima a gritar qualquer coisa aos gémeos cá em baixo na relva. A pouco e pouco, foi-me chegando mais informação. Francis Abernathy era de Boston e, de acordo com a maioria das fontes, muito rico. De Henry, também se dizia que era muito abastado; mais ainda, que era um génio em linguística. Falava um grande número de línguas, antigas e modernas, e tinha publicado uma tradução comentada de Anacreonte, com dezoito anos apenas. (Soube disto através de George Laforgue, normalmente bastante reservado e relutante em falar do assunto; mais tarde descobri que Henry tinha envergonhado Laforgue seriamente em frente a todo o Departamento de Literatura durante a sessão de perguntas e respostas por ocasião da sua conferência anual sobre Racine.) Os gémeos tinham um apartamento nos arredores do campus, e eram do sul. E Bunny Corcoran tinha o hábito de ouvir marchas de John Philip Sousa pela noite dentro em altos berros no seu quarto.

Não significa isto que eu estivesse excessivamente preocupado com estas coisas. Por esta altura, começava já a ambientar-me à minha nova escola; as aulas tinham começado e eu andava bastante ocupado com trabalho. Apesar de permanecer vivo, o meu interesse por Julian Morrow e os seus pupilos começara já a esmorecer quando se deu uma curiosa coincidência.

Aconteceu na manhã de quarta-feira da minha segunda semana, estava eu na biblioteca a tirar umas fotocópias para o Dr. Roland antes da minha aula das onze. Ao fim de meia hora, as manchas de luz a sucederem-se umas às outras debaixo dos meus olhos, voltei à mesa principal para devolver a chave da fotocopiadora ao bibliotecário e foi então que os vi, ao virar-me para trás, Bunny e os gémeos, sentados numa mesa repleta de papéis, canetas e tinteiros. Recordo-me especialmente dos tinteiros, pois fiquei particularmente fascinado por eles, e pelas longas canetas pretas e retilíneas, que pareciam extremamente arcaicas e problemáticas. Charles trazia uma camisola de ténis branca, e Camilla um vestido de verão com um colarinho de marinheiro e um chapéu de palha. O casaco de fazenda de Bunny estava atravessado nas costas da cadeira, exibindo vários rasgões e nódoas no forro. Tinha os cotovelos assentes sobre a mesa, o cabelo descaído por cima dos olhos, as mangas da camisa amarrotadas e arregaçadas com umas ligas retorcidas. Tinham as cabeças chegadas um ao outro e falavam silenciosamente.

Subitamente, quis saber o que eles estavam a dizer. Dirigi-me para a estante por trás deles — contornando a mesa, como se não tivesse bem a certeza do que estava a procurar — até me encontrar tão perto

que podia alcançar o braço de Bunny. De costas para eles, escolhi um livro ao acaso — um texto ridículo de sociologia, para o caso — e fingi estudar o índice. Análise Secundária. Desvios Secundários. Grupos Secundários. Escolas Secundárias.

— Não sei — dizia Camilla. — Se os gregos iam a navegar *para* Cartago, devia ser acusativo. Lembras-te? Lugar para onde? A regra é essa.

— Não pode ser. — Isto já era Bunny. Tinha uma voz roufenha, palradora, W. C. Fields com um sotaque de queixos de Long Island. — Não é lugar para onde, é lugar para. Aposto antes no caso ablativo.

Ouviu-se um remexer de papéis algo confuso.

— Espera aí — disse Charles. A sua voz era bastante parecida com a da irmã — rouca, vagamente sulista. — Olha para isto. Olha para isto. Eles não vão só a caminho de Cartago, vão para a *atacar*.

— Tu és doido.

— Não, a sério. Repara na frase seguinte. Precisamos de um dativo.

— Tens a certeza?

Mais remexer de papéis.

— Absoluta. *Epi tō karchidona*.

— Não vejo como — disse Bunny. Soava como Thurston Howell em «Gilligan's Island». — A chave é o ablativo. As mais difíceis são sempre no ablativo.

Uma pequena pausa. — Bunny — disse Charles —, estás completamente baralhado. O ablativo é em latim.

— Pois, *claro* que é, isso sei eu — disse Bunny algo irritadiço, após alguns instantes de estupefação que pareciam sugerir precisamente o contrário —, não estás a ver o que eu queria dizer. Aoristo, ablativo, enfim, vai tudo dar ao mesmo...

— Olha, Charles — disse Camilla. — Este dativo não vai dar.

— Vai, sim senhor. Eles vão a navegar para atacar, não vão?

— Sim, mas os gregos navegaram por mar *para* Cartago.

— Mas eu pus esse *epi* à frente.

— Bom, mas podemos atacar e usar o *epi* na mesma, temos é de utilizar um acusativo por causa das primeiras regras.

Segregação. Seleção. Seleção-natural. Percorri maquinalmente o índice enquanto dava cabo da cabeça a tentar adivinhar qual era o caso que eles andavam à procura. Os gregos navegaram pelos mares para Cartago. Para Cartago. Lugar para onde. Cartago.

De repente, veio-me uma ideia à cabeça. Fechei o livro, arrumei-o na estante e voltei-me para trás. — Dão-me licença? — disse eu.

Eles calaram-se imediatamente, viraram-se para trás muito espantados, e fitaram-me em silêncio. — Desculpem interromper, mas não será o caso locativo que procuram?

Ninguém disse nada durante um bom bocado.

— Locativo? — disse Charles.

— É só acrescentar *zde* a *Karchido* — disse eu. — Acho que é o *zde*. Assim já não precisam da preposição, a não ser o *epi*, se eles forem para a guerra. Isso equivale a «rumo-a-Cartago», por isso também não precisam de se preocupar com o caso.

Charles olhou para o papel, e depois para mim. — Locativo? — disse ele. — Isso parece um bocado esquisito.

— Tens a certeza que isso existe para Cartago? — perguntou Camilla.

Eu não tinha pensado nisto. — Se calhar não — disse eu. — Sei que existe para Atenas.

Charles debruçou-se sobre a mesa, arrastou o léxico até si, e começou a folheá-lo.

— Oh, deixa lá — disse Bunny numa voz estridente. — Se não precisarmos da declinação nem da preposição, parece-me perfeito. — Reclinou-se na cadeira e olhou para mim. — Gostava de te dar um aperto de mão, caro desconhecido. — Eu estendi-lha; ele apertou-ma e sacudiu-ma vigorosamente, quase entornando um dos frascos de tinta neste seu gesto. — Prazer em conhecer-te, sim, sim — disse ele, levando a outra mão à cabeça para puxar o cabelo dos olhos.

Este excesso súbito de atenção deixou-me algo confuso. Era como se as personagens do meu quadro favorito, absortas nos seus próprios assuntos, tivessem levantado os olhos da tela e falado comigo. Ainda na véspera, Francis tinha esbarrado em mim no corredor, numa nuvem de fumo e caxemira. Por um instante, enquanto o seu braço roçava no meu, havia sido uma criatura de carne e osso, mas logo a seguir voltou a ser uma alucinação, uma invenção da imaginação avançando em grandes passadas pelo corredor, tão alheio à minha presença como se diz dos fantasmas para com os vivos nas suas rondas noturnas.

Charles, ainda a remexer desajeitadamente o léxico, levantou-se e ofereceu-me a mão. — O meu nome é Charles Macaulay.

— Richard Papan.

— Ah, então és tu — disse Camilla de repente.

— O quê?

— Eras tu que querias entrar na aula de Grego.

— Esta é a minha irmã — disse Charles —, este é o... Bun, já disseste o teu nome ao Richard?

— Não, não me parece. Devo dizer que fez de mim um homem feliz, *sir*. Tínhamos mais dez iguais a este para fazer e cinco minutos para os entregar. O nome é Edmund Corcoran — disse Bunny, apertando-me a mão mais uma vez.

— Há quanto tempo é que estudas grego? — perguntou Camilla.

— Há dois anos.

— És bastante bom.

— É pena que não estejas na nossa aula — disse Bunny.

Um silêncio tenso.

— Pois — disse Charles pouco à vontade —, o Julian é muito esquisito nesse tipo de coisas.

— Porque é que não vais falar com ele outra vez? — disse Bunny.

— Levas-lhe um ramo de flores, dizes-lhe que adoras Platão e vais ver que fazes dele o que quiseres.

Mais uma pausa, esta mais desagradável do que a primeira. Camilla sorriu, não exatamente para mim — um sorriso doce, vago e impessoal, como se eu fosse um empregado de mesa ou um funcionário de uma loja. A seu lado, Charles, que ainda estava de pé, sorriu também, e ergueu delicadamente uma sobrancelha — um gesto que podia significar nervosismo, ou outra coisa qualquer, em boa verdade, mas que eu tomei como quem diz *É tudo?*

Baluciei qualquer coisa e estava prestes a virar costas quando Bunny — que estava a olhar fixamente na direção contrária — disparou um braço e agarrou-me pela cintura. — Espera — disse ele.

Levantei os olhos, abismado. Henry tinha acabado de entrar na sala — fato escuro, guarda-chuva e tudo.

Quando chegou à mesa fingiu não me ver. — Olá — disse ele. — Já acabaram?

Bunny meneou a cabeça em direção a mim. — Olha, Henry, temos aqui uma pessoa para te apresentar — disse ele.

Henry levantou os olhos de relance. A sua expressão não se alterou. Fechou os olhos e voltou a abri-los, como se o facto de uma pessoa como eu se encontrar no seu campo de visão fosse uma coisa extraordinária.

— Sim, sim — disse Bunny. — Este homem chama-se Richard... Richard quê?

— Papen.

— Sim, sim. Richard Papen. Estuda grego.

Henry levantou a cabeça para olhar para mim. — Aqui não, seguramente — disse ele.

— Não — disse eu, indo ao encontro do seu olhar, mas a sua expressão era tão rude que me vi forçado a desviar os olhos para longe.

— Oh, Henry, olha-me só para isto — disse Charles apressadamente, folheando os seus papéis outra vez. — Nós estávamos para usar aqui um dativo ou um acusativo mas ele sugeriu o locativo, o que é que tu achas?

Henry espreitou por cima do ombro e inspeccionou a página.

— Hum, locativo arcaico — disse ele. — Muito homérico. Gramaticalmente seria correto, sem dúvida, mas talvez um pouco desarticulado do contexto. — Volveu a cabeça para me examinar. A luz incidia por forma a cintilar nas suas lentes minúsculas, não me deixando ver os seus olhos. — Muito interessante. És um estudioso de Homero?

Eu podia ter dito que sim, mas tive a sensação de que ele estava mais do que disposto a apanhar-me com um pé em falso, e que não lhe seria muito difícil fazê-lo. — Gosto de Homero — disse eu sem grande convicção.

Ele olhou para mim com uma expressão fria de desagrado. — Eu adoro Homero — disse ele. — Claro que também estudamos coisas mais modernas, como Platão, as tragédias e por aí fora.

Eu estava a tentar pensar numa resposta qualquer mas ele olhou desinteressadamente para o lado.

— Devíamos ir andando — disse ele.

Charles amontoou os seus papéis e tomou a levantar-se; Camilla pôs-se ao seu lado e desta vez também me estendeu a mão. Lado a lado, eram de uma semelhança extraordinária, sobretudo de postura e maneiras, mais do que de feições, uma correspondência de gestos que ressaltava e ecoava entre os dois de tal modo que um simples piscar de olhos parecia reverberar, momentos depois, no pestanejar do outro. Tinham os olhos da mesma cor, um cinzento que irradiava calma e inteligência. Ela parecia-me extraordinariamente bela, uma forma de beleza perturbante, quase medieval, que só não passava despercebida a um observador mais atento.

Bunny arrumou a cadeira e deu-me uma palmada entre as omoplatas. — Muito bem, *sir* — disse ele —, temos de nos voltar a encontrar um dia para falar sobre o grego, não?

— Adeus — disse Henry, com um meneio.

— Adeus — disse eu. Eles afastaram-se em direção à porta e eu fiquei onde estava a vê-los partir, caminhando da biblioteca para fora numa grande falange, lado a lado.

Quando passei pelo gabinete do Dr. Roland minutos depois para deixar as fotocópias, perguntei-lhe se poderia dar-me um adiantamento do meu cheque de trabalho-de-estudo.

Ele reclinou-se na cadeira e apontou os seus olhos aquosos e avermelhados para mim. — Sabes — disse ele —, de há dez anos a esta parte que adotei por regra não fazer isso. Vou explicar-te porquê.

— Eu sei, Professor — apressei-me a dizer. Os discursos do Dr. Roland acerca das suas «regras» podiam demorar mais de meia hora. — Eu percebo muito bem porquê. Simplesmente, trata-se de uma espécie de emergência.

Ele inclinou-se novamente para a frente e aclarou a garganta. — E de que tipo de emergência é que estamos a falar? — indagou ele.

As suas mãos, cruzadas sobre a mesa, eram estriadas de veias com um lustro azulado em redor dos nós. Eu olhei para elas. Precisava de dez ou vinte dólares, precisava mesmo, mas tinha vindo sem ter pensado no que dizer antes. — Não sei — disse eu. — Surgiu um imprevisto.

Ele franziu o sobrolho impressivamente. Dizia-se que os modos senis do Dr. Roland eram só fachada; mas a mim pareciam-me bastante genuínos, ainda que não raras vezes, quando uma pessoa estava distraída, nos surpreendesse com um ou outro lampejo de lucidez, os quais — mesmo que não tivessem diretamente a ver com o assunto em questão — eram a prova de que os mecanismos da razão ainda laboravam nas profundezas da sua consciência.

— É o meu carro — disse eu, num momento de inspiração. Não tinha carro nenhum. — Preciso de o mandar arranjar.

Eu não esperava que me fizesse mais perguntas mas ele pôs um ar muito empertigado e passou ao ataque. — Qual é o problema?

— Tem qualquer coisa a ver com a transmissão.

— Dupla transmissão? Refrigeração a ar?

— Refrigeração a ar — disse eu, passando o peso para a outra perna. Esta inflexão na conversa não me devia preocupar. Não percebia nada de carros e via-me grego para trocar um pneu.

— O que é que tu tens, um desses brinquedos V6?

— Sim.

— Não há miúdo nenhum que não sonhe com uma coisa dessas. Pois eu não deixava nenhum filho meu andar com nada abaixo de um V8.

Eu não fazia ideia como responder a isto.

Ele puxou a gaveta da secretária e começou a tirar coisas lá de dentro, a examiná-las de perto e a repô-las outra vez. — A minha experiência diz-me que quando a transmissão vai ao ar — continuou ele —, mais vale dizer adeus ao carro. Sobretudo se for um V6. O melhor é mandá-lo para a sucata. Eu cá tenho um *Brougham Regency* 98 com dez anos. Comigo, é revisões todos os meses, filtros novos de dois mil em dois mil quilómetros, e óleo novo de quatro em quatro mil. Puxa que é uma maravilha. E cuidado com as oficinas da cidade — disse ele com veemência.

— Perdão?

Por fim, lá descobriu o livro de cheques. — Bem, devias ir era a Bursar mas parece-me que isto deve chegar — disse ele. Abriu o livro e preencheu laboriosamente um cheque. — Algumas garagens aqui

em Hampden, se souberem que és da universidade, cobram-te a dobrar. A Auto-Redentora é a melhor, de um modo geral — são uma cambada de principiantes mas são capazes de te dar um rombo e tanto se não andares em cima deles.

Rasgou o cheque e deu-mo para a mão. Eu olhei-o de relance e o meu coração saltou uma batida. Duzentos dólares. Tinha-o assinado e tudo.

— Não os deixes levarem-te nem mais um tostão — disse ele.

— Não senhor — disse eu, mal conseguindo conter a minha alegria. Que iria eu fazer com todo este dinheiro? Talvez ele até se esquecesse que mo tinha dado.

Baixou os óculos e fitou-me por cima das lentes. — Auto-Redentora, não te esqueças — disse ele. — Fica na estrada n.º 6. Tem um símbolo em forma de cruz.

— Obrigado — disse eu.

Caminhei pelo corredor com o moral nos píncaros, e duzentos dólares no bolso, e a primeira coisa que fiz foi ir à cabina do rés do chão chamar um táxi para me levar até à cidade. Se há coisa em que eu sou bom, é em ficar colado ao chão. É uma espécie de dom.

* * *

E o que é que eu fiz em Hampden? Para ser franco, estava demasiado aparvalhado para fazer o que quer que fosse. Era um dia de glória; estava farto de ser pelintra, por isso, antes de ter tempo de pensar duas vezes, entrei numa loja de roupa para homem na praça e comprei duas camisas. Depois fui até ao Exército de Salvação, revolvi vários caixotes e descobri um sobretudo de fazenda Harris e um par de sapatos castanhos à medida, bem como alguns botões de punho e uma velha gravata muito engraçada com desenhos de homens a caçar veados. Quando saí da loja verifiquei com agrado que ainda me restavam perto de cem dólares. E agora, ia à livraria? Ao cinema? Comprar uma garrafa de uísque? Por fim, acabei por me sentir tão estonteado com a miríade de possibilidades que fervilhavam à minha volta, sorrindo e sussurrando luminosas no passeio, que — como um rapazinho do campo inebriado por um bando de prostitutas — varri caminho entre elas até à cabina telefónica da esquina, e chamei um táxi para me levar para a escola.

Já no meu quarto, espalhei a roupa em cima da cama. Os botões de punho estavam gastos e tinham as iniciais de outra pessoa, mas pareciam de ouro verdadeiro, reluzindo ao sol dormente do outono que jorrava da janela, desaguando em poças amarelas no chão assobradado de carvalho — voluptuoso, rico, inebriante.

Tive uma sensação de *déjà vu* quando, na tarde do dia seguinte, Julian voltou a atender à porta exatamente como da primeira vez, entreabrindo apenas uma fresta, através da qual me voltou a espreitar cautelosamente, como se houvesse algo de maravilhoso no seu gabinete que era preciso guardar, algo que ele se empenhava em manter longe dos olhares indiscretos. Era um sentimento que eu viria a conhecer muito bem nos meses seguintes. Ainda hoje, anos mais tarde e muito longe, me acontece sonhar que estou ali, diante daquela porta branca, à espera que ele apareça como o guardião de um castelo num conto de fadas: um rosto sem tempo, vigilante, astuto como uma criança.

Quando me viu, abriu a porta um pouco mais do que da primeira vez. — Mr. Pepin, outra vez, não? — disse ele.

Eu não me dei ao trabalho de o corrigir.

— Receio bem que sim.

Olhou-me por momentos. — Tem um belíssimo nome, sabe? — disse ele. — Houve reis franceses com o seu nome.

— Espero que não esteja muito ocupado.

— Nunca estou demasiado ocupado para receber um herdeiro ao trono francês, se é realmente isso que você é — disse ele prazenteiramente.

— Receio bem que não.

Ele riu-se e citou um pequeno epigrama grego em que se dizia ser a honestidade uma grande virtude, e, para grande surpresa minha, abriu a porta e convidou-me a entrar.

Era uma sala encantadora, de gabinete não tinha nada, muito maior do que parecia lá de fora — branca, arejada, com um pé-direito alto e uma brisa a ondular nas cortinas engomadas. A um canto, junto a uma estante rasteira, havia uma grande mesa redonda repleta de bules de chá e livros gregos, e viam-se flores por todo o lado, rosas, cravos e anêmonas, na mesa, na secretária, nos para-peitos das janelas. As rosas eram particularmente fragrantas; o seu perfume pairava no ar, delicioso e intenso, confundindo-se com as exalações de bergamota e chá preto bem como uma leve fragrância de cânfora. Respirei fundo, e senti-me inebriado. Para onde quer que olhasse via coisas maravilhosas — tapetes orientais, porcelanas, pequenas pinturas que eram como relíquias —, um deslumbramento de cores estriadas que me tocaram como se tivesse entrado numa dessas pequenas igrejas bizantinas, tão discretas por fora, mas que por dentro nos revelam um tesouro verdadeiramente paradisíaco de mosaicos e relíquias.

Sentou-se num cadeirão junto à janela e fez-me sinal para me sentar também. — Presumo que venha por causa das aulas de grego — disse ele.

— Sim.

Os seus olhos eram gentis, francos, mais cinzentos do que azuis. — Já estamos praticamente a meio do período — disse ele.

— Eu gostava de retomar os meus estudos. Seria uma pena abandonar o grego ao fim de dois anos.

Ele franziu o sobrolho numa expressão vincada e maliciosa e olhou por instantes para as suas mãos cruzadas sobre a mesa. — Constou-me que vem da Califórnia.

— Sim, de facto — disse eu, um tanto perplexo. Quem é que lhe terá dito?

— Não conheço muita gente da costa oeste — disse ele. — Não sei se gostava de lá viver. — Fez uma pausa, com um ar pensativo e ligeiramente perturbado. — E o que é que faz lá na Califórnia?

Eu dei-lhe a cantiga do costume. Laranjais a perder de vista, estrelas de cinema decadentes, *cocktails* pela noite dentro à beira da piscina, cigarros, tédio, etc. Ele escutou-me, os olhos fixos nos meus, aparentemente arrebatado por estas memórias fraudulentas. Nunca as minhas palavras haviam sido objeto de uma tal atenção, de uma tal agudeza e solicitude. Parecia de tal modo fascinado que acabei por ceder à tentação de romancear um pouco mais do que recomendaria a prudência.

— Mas que *empolgante* — disse ele, calorosamente, quando eu acabei de desbobinar, ainda meio eufórico. — Parece tudo tão romântico.

— Bom, nós já estamos mais ou menos habituados, sabe — disse eu, tentando não me exceder, afogueado no rubor do meu sucesso.

— E o que é que uma pessoa com um temperamento tão romântico procura no estudo dos clássicos? — perguntou ele como se, depois de ter tido a sorte de apanhar um pássaro tão raro como eu, quisesse arrancar-me uma opinião a todo o custo enquanto eu estava cativo ali no seu gabinete.

— Se romântico quiser dizer solitário e introspetivo — disse eu —, acredito que os românticos são muitas vezes os melhores classicistas.

Ele riu-se. — Os grandes românticos costumam ser classicistas falhados. Mas não, a questão não é essa, pois não? O que é que acha de Hampden? Gosta de estar aqui?

Eu fiz uma exegese, não tão sucinta como se impunha, das razões pelas quais a universidade preenchia os meus objetivos imediatos.

— Os jovens costumam aborrecer-se na província — disse Julian. — O que não quer dizer que não lhes faça bem. Costuma viajar? Diga-me o que é que o atrai neste lugar. Em princípio, seria levado a pensar

que um jovem como o Richard se sentiria deslocado fora da cidade, mas talvez esteja cansado da vida citadina, será esse o caso?

De um modo tão hábil quanto envolvente, que me deixou completamente desarmado, conduziu-me primorosamente de assunto em assunto, e tenho a certeza de que ao longo desta conversa, que pareceram apenas alguns minutos mas que na realidade foi muito mais longa, conseguiu arrancar-me tudo o que queria saber. Nem sequer me passou pela cabeça que este seu interesse pela minha pessoa pudesse proceder de outra coisa que não o simples prazer da minha companhia, e embora tenha dado por mim a falar com grande entusiasmo sobre uma enorme variedade de assuntos — alguns deles bastante pessoais, e com maior franqueza do que era costume — estava convencido de estar a agir de livre e espontânea vontade. Gostava de me recordar melhor do que foi dito nesse dia — na verdade, até me recordo bastante bem das *minhas* palavras, na sua maioria, demasiado fátuas para me permitir relatá-las aqui com prazer. O único ponto em que ele divergiu (para além de uma sobranceira incrédula erguida ao ouvir a minha alusão a Picasso; depois de o conhecer melhor percebi que ele deve ter tomado isto como uma afronta pessoal) foi quanto ao tema da psicologia, que era, afinal de contas, uma sombra a pairar no meu espírito, a trabalhar para o Dr. Roland e tudo o mais.

— Mas pensa realmente — disse ele, preocupado — que se pode considerar a psicologia uma ciência?

— Seguramente. Que mais poderia ser?

— Mas o próprio Platão já sabia que a classe e o condicionamento e por aí fora exercem uma influência inalterável sobre o indivíduo. A mim, parece-me que a psicologia é apenas mais uma palavra para aquilo que os antigos chamavam destino.

— Psicologia é, de facto, uma palavra terrível.

Ele concordou vigorosamente. — Sim, é terrível, não é? — disse ele, embora com uma expressão que parecia indicar que era quase insensato da minha parte empregá-la. — Talvez de certa forma seja uma construção útil para falar de um certo tipo de questões mentais. As pessoas do campo que vivem à minha volta são fascinantes porque as suas vidas estão tão intimamente ligadas ao destino que é como se fossem realmente predestinadas. Já os meus alunos — riu-se — raramente me despertam tanto interesse, pois consigo sempre saber exatamente o que é que eles vão fazer a seguir.

Eu estava fascinado com esta conversa, e apesar da sua aparência moderna e digressiva (tenho para mim que aquilo que distingue o espírito moderno é o seu gosto pela divagação), vejo agora que ele estava a reconduzir-me num circunlóquio aos mesmos pontos repetidamente.

Pois se o espírito moderno é errático e caprichoso, o espírito clássico é restrito, determinado e inflexível. Não é um tipo de inteligência que se encontre facilmente nos tempos que correm. Mas no fundo, mesmo que eu seja capaz de divagar com o melhor dos dois, não sou mais do que uma alma obsessiva.

Falámos mais um bocado, e agora quedáramo-nos em silêncio. Após um momento Julian disse cortesmente: — Se quiser, terei o maior prazer em admiti-lo na minha aula, Mr. Papen.

Eu, que estava a olhar para a janela já meio esquecido da razão por que estava ali, virei-me para ele completamente embasbacado, sem conseguir articular uma única palavra.

— Todavia, antes de aceitar, terá de concordar com algumas condições.

— O quê? — perguntei eu, subitamente alerta.

— Está disposto a dirigir-se à Secretaria e apresentar um requerimento para trocar de conselheiro? — Esticou-se e retirou uma caneta de um copo na secretária. Para meu grande espanto, estava cheio de canetas de tinta permanente *Montblanc* e *Meisterstücks*, uma dúzia delas, pelo menos. Escreveu rapidamente uma nota e estendeu-ma. — Não a perca — disse ele —, o chefe da Secretaria só me atribui consulentes se for eu a requerê-los.

A nota estava escrita numa caligrafia masculina do século XIX, com *ee* gregos. A tinta ainda estava fresca. — Mas eu já tenho um conselheiro — disse eu.

— A minha política é não aceitar nenhum aluno de que não seja também o conselheiro. Há alguns docentes da Faculdade de Literatura que discordam dos meus métodos de ensino e a possibilidade de alguém poder vetar as minhas decisões iria certamente causar-lhe problemas. Também devia arranjar os formulários de transferência. Penso que terá de deixar todas as cadeiras em que se encontra presentemente inscrito à exceção do Francês, que fará bem em prosseguir. Parece apresentar algumas limitações na área das línguas modernas.

Eu estava estarecido. — Não posso abandonar *todas* as minhas cadeiras.

— Porque não?

— Porque as matrículas já acabaram.

— Isso não tem importância nenhuma — disse Julian serenamente.

— As cadeiras que eu pretendo que faça serão todas comigo. Irá provavelmente fazer três ou quatro cadeiras comigo por período até ao fim do curso.

Eu olhei para ele. Não era de admirar que só tivesse cinco alunos. — Mas como é que eu posso fazer isso? — perguntei eu.

Ele riu-se. — Vê-se que ainda é novo aqui em Hampden. A administração não aprecia muito, mas não podem fazer nada. De vez em quando tentam levantar problemas com as normas curriculares mas isso nunca criou problemas de maior. Nós estudamos arte, história, filosofia, enfim, tudo e mais alguma coisa. Se eu vir que o Richard apresenta deficiências nalguma área em particular, poderei prestar-lhe apoio pedagógico ou recomendá-lo a outro professor. Como o francês não é a minha primeira língua, julgo que fará bem em continuar a frequentar as aulas de Mr. Laforgue. Para o ano começaremos com o latim. É uma língua difícil, mas o facto de saber grego será uma boa ajuda. A mais gratificante das línguas, o latim. Verá com que deleite a irá aprender.

Eu escutei-o, um pouco afrontado pelo seu tom. O que ele me estava a pedir equivalia a renegar a universidade de Hampden em troca da sua pequena cátedra de Grego Antigo, que consistia em cinco, seis estudantes, a contar comigo. — As aulas todas consigo? — disse eu.

— Não serão todas, exactamente — disse ele com um ar sério, para depois se rir ao ver a minha cara. — É minha convicção que um grande número de professores pode ser um motivo de perturbação, suscetível de prejudicar um espírito jovem, da mesma maneira que considero mais útil conhecer intimamente um livro do que ler cem livros de um modo superficial — disse ele. — Bem sei que o mundo moderno tende a não concordar com isto, mas, afinal de contas, quer Platão quer Alexandre tiveram também um único mestre.

Eu assenti lentamente com a cabeça, esforçando-me, ao mesmo tempo, por encontrar uma maneira airosa de me esquivar, quando os nossos olhos se encontraram, e de repente, pensei: *Porque não?* Sentia-me vagamente aturdido pela força da sua personalidade mas o carácter extremo da oferta era igualmente apelativo. Os seus alunos — se é que neles se podia entrever a marca da sua tutela — eram bastante imponentes, e por muito diferentes que fossem entre si, todos partilhavam de uma certa descontração, uma afetação cruel e sedutora que não tinha nada de moderno, antes parecendo bafejada pelo halo frio do mundo antigo: eram criaturas magníficas, aqueles olhos, aquelas mãos, aquelas figuras — *sic oculos, sic ille manus, sic ora ferebat*. Eu invejava-os, e achava-os atraentes; para além de que esta estranha qualidade, longe de ser natural, dava todos os sinais de ter sido intensamente cultivada. (O mesmo acontecia, como eu viria a descobrir, com Julian: embora ele desse uma impressão bastante diferente, uma imagem de frescura e sinceridade, não era a espontaneidade mas sim uma arte superior que lhe dava uma aparência desartificial.) Artificioso ou não, queria ser como eles. Mas fui bastante ingénuo em pensar que estas qualidades eram adquiridas e que seria esta a maneira de as aprender.

Isto ficava tudo muito longe de Plano, e da bomba de gasolina do meu pai. — E se eu tiver aulas consigo, vão ser todas em grego? — perguntei eu.

Ele riu-se. — Claro que não. Vamos estudar Dante, Virgílio, imensas coisas. Mas não o aconselho a ir comprar o *Goodbye, Columbus* quando sair daqui — (requerido, notoriamente, numa das aulas de Inglês do primeiro ano) —, perdoar-me-á a trivialidade.

* * *

Georges Laforgue ficou altamente perturbado quando o pus ao corrente dos meus planos. — Isto é um assunto muito sério — disse ele. — Por certo que compreende o quão limitados serão os seus contactos com o resto da Faculdade e com a escola?

— Ele é um bom professor — disse eu.

— Nenhum professor é assim tão bom. E se por qualquer motivo se desentender com ele, ou se sentir de algum modo injustiçado, não haverá ninguém na faculdade que possa fazer nada por si. Perdoe-me que lhe diga, mas não vejo qual é o sentido de pagar uma propina de trinta mil dólares para estudar apenas com um docente.

Eu pensei em remeter essa questão para o Fundo de Doações de Hampden, mas não disse nada.

Ele reclinou-se na cadeira. — Desculpe, mas estava convencido de que os valores elitistas desse homem lhe suscitariam o maior repúdio — disse ele. — Francamente, nunca me constou que ele tivesse admitido nenhum aluno em tais condições financeiras. E como instituição democrática que é, a Universidade de Hampden não se baseia em tais princípios.

— Bem, se ele me aceitou, não pode ser assim tão elitista — disse eu.

Ele não percebeu o meu sarcasmo. — Cá para mim, ele não sabe que está a beneficiar de ajuda financeira.

— Bom, se ele não sabe — disse eu —, também não vou ser eu a dizer-lhe.

* * *

As aulas de Julian tinham lugar no seu gabinete. Eram aulas muito restritas, para além de que nenhuma sala de aula se lhe podia comparar em termos de conforto ou privacidade. Tinha uma teoria em como os alunos aprendiam melhor num ambiente agradável e não-escolástico; e aquela estufa luxuriante, com flores por todo o lado no rigor do inverno, era uma espécie de microcosmo platónico daquilo que ele

achava que devia ser uma sala de aula. (— Trabalho? — disse-me ele certa vez, estupefacto, quando me referi às nossas atividades escolares como tal. — Acha mesmo que aquilo que nós fazemos é trabalho?

— Que mais haveria de ser?

— Eu chamar-lhe-ia antes a mais gloriosa das formas de *jogo*.)

Enquanto me dirigia para a minha primeira aula, vi Francis Abernathy pavoneando-se no prado como um melro, com as abas do casaco preto a drapejar ao vento como um corvo. Vinha preocupado, a fumar um cigarro, mas a ideia de que ele me pudesse ver encheu-me de ansiedade inexplicável. Agachei-me num vão de porta e esperei que ele passasse.

Quando virei na plataforma das escadas do Lyceum, fiquei chocado ao vê-lo sentado no parapeito da janela. Olhei-o de relance, desviei imediatamente o olhar, e já ia a encaminhar-me para o corredor quando ele disse: — Espera. — A voz dele era tranquila e bostoniana, quase britânica.

Eu voltei-me para trás.

— És tu o novo *neanias*? — perguntou ele com ar de gozo.

O rapaz novo. Eu disse que sim.

— *Cubitus eamus*?

— O quê?

— Nada.

Passou o cigarro para a mão esquerda e ofereceu-me a direita. Era ossuda e macia como a de uma jovem adolescente. Não se preocupou em se apresentar. Após um desconfortável instante de silêncio, disse-lhe o meu nome. Ele deu uma última passa no cigarro e atirou-o pela janela. — Eu sei quem tu és — disse ele.

Henry e Bunny já estavam no gabinete; Henry estava a ler um livro e Bunny, debruçado sobre a mesa, estava a falar com ele num tom grave e decidido.

— ... mau gosto, é o que é, meu velho. Desilusão completa. Julgava-te capaz de um pouco mais de *savoir faire* do que isso, se me permites...

— Bom dia — disse Francis, fechando a porta ao entrar atrás de mim.

Henry levantou os olhos de relance, acenou com a cabeça, e retomou a sua leitura.

— Olá — disse Bunny, e depois, virando-se para mim: — Ah, viva! — Já sabes a última, Francis, o Henry comprou uma caneta *Montblanc*.

— A sério? — disse Francis.

Bunny apontou para o copo de canetas pretas e lustrosas em cima da mesa de Julian. — Eu já lhe disse que o melhor é ter cuidado, não vá o Julian julgar que ele a roubou.

— Ele estava comigo quando a comprei — disse Henry sem levantar os olhos do livro.

— Quanto é que custa uma coisa dessas, ao fim e ao cabo? — disse Bunny.

Silêncio.

— Anda lá, quanto é que foi? Trezentos, quatrocentos? — Assentou o seu peso considerável sobre a mesa. — Ainda me lembro de te ouvir dizer como eram feias. Dizias que nunca na vida havias de escrever com outra coisa que não fosse uma caneta normal. Verdade ou mentira?

Silêncio.

— Deixa-me lá ver isso outra vez — pediu Bunny.

Pousando o livro, Henry levou a mão ao bolso da camisa, sacou a caneta e pô-la em cima da mesa. — Aqui tens — disse ele.

Bunny pegou nela e fê-la rodar entre os dedos. — É como os lápis grossos da escola primária — disse ele. — Foi o Julian que te convenceu a meteres-te nisto?

— Eu queria ter uma caneta de tinta permanente.

— Mas não foi por isso que arranjaste esta.

— Estou farto desta conversa.

— Eu acho-a de muito mau gosto.

— Tu — disse Henry acutilantemente — não és a pessoa mais indicada para falar de bom gosto.

Seguiu-se um longo silêncio, durante o qual Bunny se reclinou na sua cadeira. — Ora vamos lá a saber, que espécie de canetas é que nós usamos aqui? — disse ele em jeito de conversa. — François, tu és um homem de aparo e tinteiro, tal como eu, não é verdade?

— Mais ou menos.

Apontou para mim como se fosse o moderador de um painel de convidados num debate televisivo. — E tu, como-é-que-te-chamas, Robert? Que canetas é que vocês usam lá na Califórnia?

— Esferográficas — disse eu.

Bunny acenou profundamente. — Um homem honesto, meus senhores. Gostos simples. Cartas sobre a mesa, gosto disso.

A porta abriu-se e entraram os gémeos.

— O que é que tu estás para aí a gritar, Bun? — disse Charles, rindo, enquanto fechava a porta com o pé atrás de si. — Conseguimos ouvir-te do fundo do corredor.

Bunny atacou novamente a história da caneta *Montblanc*. Pouco à vontade, contornei a mesa até ao canto da sala e pus-me a examinar os livros na estante.

— Há quanto tempo é que estudas os clássicos? — perguntou uma voz no meu cotovelo. Era Henry, que se virara na cadeira a olhar para mim.

— Dois anos — disse eu.

— O que é que já leste em grego?

— O Novo Testamento.

— Bom, claro que já leste o *Koine* — disse ele, aborrecido. — E que mais? Homero, certamente. E os poetas líricos.

Isto, já eu sabia, era o terreno forte de Henry. Tinha medo de mentir. — Um pouco.

— E Platão?

— Sim.

— O Platão todo?

— Algum Platão.

— Mas tudo traduzido.

Eu hesitei, um pouco mais do que devia. Ele olhou para mim, incrédulo. — *Não?*

Eu enterrei as mãos nos bolsos do meu sobretudo novo. — A maior parte — disse eu, o que estava longe de ser verdade.

— A maior parte de quê? Dos diálogos, é isso? E quanto a coisas mais recentes? Plotino?

— Sim — menti eu. Nunca, até hoje, li uma única linha de Plotino.

— O quê?

Infelizmente, o cérebro toldou-se-me, e não consegui lembrar-me de uma única coisa que Plotino tivesse escrito. *As Éclogas?* Não, raios me partam, isso é do Virgílio. — Na verdade, não me interessa muito por Plotino — disse eu.

— Não? E porquê?

Parecia um polícia a fazer perguntas. Ansioso, lembrei-me da minha antiga aula, a que tinha abandonado por esta, Introdução ao Teatro, com o divertido Mr. Lanin, que nos mandava estender no chão e fazer exercícios de relaxamento enquanto dava voltas pela sala dizendo coisas do género: — Agora imaginem um fluxo fresco e alaranjado invadindo o vosso corpo.

Eu não fora suficientemente lesto a responder à pergunta sobre Plotino para o gosto de Henry, que me disse qualquer coisa a correr em latim.

— Peço desculpa?

Ele olhou-me friamente. — Esquece — disse ele, e voltou a debruçar-se sobre o seu livro.

A fim de disfarçar a minha consternação, voltei-me novamente para a estante.

— Estás satisfeito? — ouvi Bunny dizer. — Parece que o conseguiste escalear forte e feio, hem?

Para meu enorme alívio, apareceu Charles a dizer olá. Era amigável e muito calmo, mas ainda mal tínhamos tido tempo de trocar sauda-

ções quando a porta se entreabriu e sobreveio um psiu generalizado enquanto Julian entrava em pezinhos de lã, fechando cuidadosamente a porta atrás de si.

— Bom dia — disse ele. — Já conhecem o nosso novo aluno?

— Sim — disse Francis no que me pareceu ser um tom de enfado, enquanto puxava a cadeira de Camilla para logo de seguida se instalar na sua.

— Ótimo. Charles, importa-te de pôr água a aquecer para o chá?

Charles entrou numa pequena divisão, pouco maior do que um roupeiro, e eu ouvi o barulho da água a correr. (Nunca cheguei a perceber exactamente o que é que havia nesse antequarto nem por que artes miraculosas é que Julian conseguia desencantar refeições de quatro pratos sempre que era preciso.) Depois reapareceu, fechando a porta atrás de si, e sentou-se.

— Muito bem — disse Julian, olhando em volta da mesa. — Espero que todos estejamos prontos para deixar o mundo dos fenómenos e entrar no mundo do sublime.

* * *

Era um orador fantástico, um mago da palavra, e embora adorasse dar uma ideia mais fiel daquilo que ele dizia, constato que é impossível a um intelecto medíocre verter o discurso de um intelecto superior — sobretudo ao fim de tantos anos — sem se perder um bom bocado na tradução. A discussão nesse dia era acerca da perda do eu, das quatro formas platónicas de loucura divina, e da loucura em geral. Começou por falar naquilo a que chamava o fardo do eu, e das razões que começam por levar as pessoas a quererem abandonar o seu eu.

— Porque é que essa vozinha obstinada dentro das nossas cabeças nos atormenta dessa maneira? — disse ele, olhando à volta da mesa. — Não será por nos recordar que estamos vivos, a nossa mortalidade, as nossas almas individuais — a que, ao fim e ao cabo, temos demasiado medo de renunciar e no entanto são o nosso maior motivo de sofrimento? Mas não é muitas vezes a dor também uma forma privilegiada de tomarmos consciência do nosso próprio eu? É uma descoberta terrível a que fazemos em crianças ao verificarmos que somos uma parte separada do resto do mundo, que *nada* nem ninguém dói juntamente com a nossa boca escaldada ou joelhos esfolados, que as nossas dores e sofrimentos são só nossos. Mais terrível ainda é constatar, à medida que envelhecemos, que ninguém, por mais querido que nos seja, poderá alguma vez compreender-nos verdadeiramente.

Os nossos eus fazem-nos terrivelmente infelizes, e é por isso que estamos sempre tão ansiosos por os largar, não acham? Lembram-se das Erínias?

— As Fúrias — disse Bunny, com os olhos baralhados e perdidos sob a madeixa de cabelo.

— Exatamente. E como é que elas enlouqueciam as pessoas? Aumentavam o volume do monólogo interior, ampliavam as qualidades já presentes a um ponto excessivo, transformavam as pessoas *nelas próprias* a um tal ponto que elas não aguentavam.

— E como é que nós podemos largar este nosso eu demencial, largá-lo completamente? Através do Amor? Sem dúvida, mas como o velho Céfalo um dia ouviu dizer a Sófocles, poucos de nós sabem como o amor é um mestre cruel e terrível. Uma pessoa perde-se em nome do outro, mas ao fazê-lo deixa-se subjugar pelo mais caprichoso de todos os deuses. Através da *Guerra*? Uma pessoa pode perder-se no prazer da batalha, batendo-se por uma causa nobre, mas, nos tempos que correm, não nos restam muitas causas nobres para lutar. — Riu-se. — Embora, depois dos nossos Xenofonte e Tucídides me atreva a pensar que não haverá muitos jovens mais versados na estratégia militar do que vocês. Tenho a certeza de que seriam perfeitamente capazes de marchar rumo a Hampden e tomar a cidade sozinhos.

Henry riu-se. — Podíamos fazê-lo esta tarde, com seis homens — disse ele.

— Como? — perguntou toda a gente ao mesmo tempo.

— Uma pessoa para cortar as linhas de telefone e eletricidade, outra na ponte sobre o Battenkill, outra na via principal para norte. Os outros podiam avançar de sul e oeste. Não somos muitos, mas se nos espalhássemos poderíamos cortar todos os restantes pontos de acesso — aqui, ergueu a mão no ar, dedos esticados bem abertos — e avançar de todos os pontos em direção ao centro. — Os dedos cerraram-se-lhe num punho. — Claro que teríamos o fator surpresa do nosso lado — disse ele, e eu senti um arrepio de excitação inesperado perante a frieza da sua voz.

Julian riu-se. — E há quantos anos é que os deuses não intervêm nas guerras dos homens? — Suponho que Apolo e Atena viriam lutar do vosso lado, «convidados ou não», como disse o oráculo de Delfos aos Espartanos. Imaginem só os heróis em que vocês se tornariam.

— Semideuses — disse Francis, rindo. — Podíamos sentar-nos em tronos na praça da cidade.

— Enquanto os comerciantes locais vos pagavam tributo.

— Ouro. Pavões e marfim.

— Queijo *cheddar* e simples bolachas de água e sal talvez fosse preferível — disse Bunny.

— O derramamento de sangue é uma coisa tenebrosa — disse Julian apressadamente, a quem o comentário sobre as bolachas de água e sal não agradara — mas as passagens mais sanguinolentas de Homero e Ésquilo são não raro as mais sublimes — por exemplo, o discurso glorioso de Clitemnestra no *Agamémnon* de que eu tanto gosto. Será que a Camilla, que foi a nossa Clitemnestra quando fizemos a *Oréstia*, ainda se recorda de alguma coisa?

A luz da janela jorrava diretamente na cara dela; a uma luz tão intensa, a maioria das pessoas parecem algo deslavadas, mas as suas feições claras e graciosas tomavam-se ainda mais luminosas, de tal maneira que era quase um choque olhar para ela, com os seus olhos claros e radiantes e as suas pestanas espessas e o luzimento dourado da sua têmpera que se confundia gradualmente com o cabelo lustroso, doce como mel. — Um bocadinho — disse ela.

Olhando para um ponto na parede por cima da minha cabeça, começou a recitar as suas passagens. Eu não tirei os olhos dela. Teria um namorado, Francis, talvez? Pareciam ser bastante amigos, mas Francis não tinha ar de quem estivesse muito interessado em raparigas. Não é que eu tivesse grandes chances, rodeado que estava por todos estes rapazes ricos e espertos de fatos escuros e elegantes, eu, com as minhas mãos desajeitadas e maneiras suburbanas.

A sua voz em grego era rouca, discreta e maravilhosa.

*Assim morreu derramando sua alma para sempre;
e ao cair salpicou-me de gotas vermelhas e negras
de um sangue amargo jorrando em borbotões,
para meu deleite, como as flores nos jardins em botão
se regalam com a chuva enviada por Zeus.*

Seguiu-se um breve silêncio depois de ela terminar. Para meu espanto, Henry piscou-lhe solenemente o olho do outro lado da mesa.

Julian sorriu. — Que passagem maravilhosa — disse ele. — Não me canso de a ouvir. Mas como é que se explica que uma coisa tão tenebrosa, uma rainha a apunhalhar o seu marido durante o banho, nos pareça tão encantadora?

— É a métrica — disse Francis. — O trímetro jâmbico. Aquelas partes verdadeiramente medonhas do *Inferno*, por exemplo, Pier de Medicina com o nariz arrancado a falar através de um corte ensanguentado na traqueia...

— Há algumas coisas bem piores — disse Charles.

— Pois há. Mas essa passagem é belíssima e isso deve-se à *terza rima*. À sua musicalidade. O trímetro ressoa ao longo da fala de Clitemnestra como um sino.

— Mas o trímetro jâmbico é bastante comum na lírica grega, não é? — disse Julian. — O que será que torna essa última parte tão avassaladora? Porque será que não nos sentimos tão atraídos por outra passagem qualquer, mais calma e agradável?

— Aristóteles diz-nos na *Poética* — disse Henry — que certos objetos, tais como os cadáveres, ainda que penosos em si mesmos, podem tornar-se deleitosos à contemplação na obra de arte.

— E eu acredito que Aristóteles tem razão. Afinal de contas, quais são as cenas poéticas que nos ficam indelevelmente gravadas na memória, aquelas que mais amamos? São essas, precisamente. O assassinio de Agamémnon, a ira de Aquiles, Dido na pira funerária. Os punhais dos traidores e o sangue de César — recordam-se da descrição que Suetonius nos faz do seu corpo a ser arrastado na liteira com um braço descaído rente ao chão?

— A morte é a mãe da beleza — disse Henry.

— E o que é a beleza?

— O terror.

— Muito bem — disse Julian. — A beleza raramente é doce ou consolatória. Muito pelo contrário. A beleza genuína é sempre bastante alarmante.

Eu olhei para Camilla, para o seu rosto radioso ao sol, e pensei naquela passagem da *Ilíada* de que tanto gosto, acerca de Minerva e do brilho terrível dos seus olhos.

— E se a beleza é terror — disse Julian —, então, o que é o desejo? Nós pensamos que temos muitos desejos, mas na verdade temos apenas um. Qual será?

— Viver — disse Camilla.

— Viver *para sempre* — disse Bunny, com o queixo anichado na palma da mão.

A chaleira começou a assobiar.

* * *

Uma vez dispostas as chávenas, e depois de Henry servir o chá, grave como um mandarim, começámos a falar dos tipos de loucura induzida pelos deuses: poética, profética e, finalmente, dionisíaca.

— Que é de longe a mais enigmática — disse Julian. — Fomos habituados a pensar no êxtase religioso como algo característico e exclusivo das sociedades primitivas, embora ele surja frequentemente entre os povos mais cultivados. Sabem que os gregos não eram muito diferentes de nós. Eram um povo muito formal, extraordinariamente civilizados, e um tanto reprimidos. E no entanto eram não raras vezes arrebatados

en masse pelos desejos mais selvagens — danças, frenesins, matanças, alucinações — que, para nós, seriam tomados por estados irreversíveis de loucura clínica, suponho eu. Os gregos, porém — alguns deles, pelo menos —, podiam entrar e sair desses estados quando bem lhes apetecesse. Não podemos negligenciar estes relatos simplesmente como mitos. Estão bastante bem documentados, embora já fossem motivo de perplexidade para os comentadores antigos. Alguns dizem que eram o resultado das orações e dos repastos, outros acham que eram induzidos pela bebida. Decerto que a natureza grupal da histeria também tinha alguma influência nisto. Ainda assim, é difícil dar conta do caráter extremo do fenômeno. Os insurgentes eram aparentemente arrastados para um estado não-racional e pré-intelectual, em que a personalidade era substituída por uma coisa completamente diferente — e por «diferente» quero dizer algo segundo toda a evidência não mortal. Inumano.

Pensei nas *Bacantes*, uma peça cuja violência e selvajaria me haviam deixado bastante perturbado, tal como o sadismo do seu deus sedento de sangue. Comparada com outras tragédias, que, por muito duras que fossem, eram sempre dominadas por princípios de justiça reconhecíveis, esta representava um triunfo da barbárie sobre a razão: tenebrosa, caótica, inexplicável.

— Nós não gostamos de o admitir — disse Julian —, mas a ideia de perder o controle é das coisas que maior fascínio exerce sobre pessoas controladas como nós. Todos os povos verdadeiramente civilizados — e os antigos não menos do que nós — se civilizaram através da repressão voluntária do eu animal que persiste dentro de nós. Será que nós, aqui nesta sala, somos assim tão diferentes dos gregos e dos romanos? Obcecados com o dever, a piedade, a lealdade e o sacrifício? Todas essas coisas tão frígidas para o gosto moderno?

Eu olhei em redor para as seis caras à volta da mesa. Eram um tanto frígidas para o gosto moderno. Julgo que qualquer outro professor teria entrado imediatamente em contacto com o Gabinete de Aconselhamento Psicológico depois de ouvir aquilo que Henry dissera acerca da tomada da cidade de Hampden pela turma de Grego.

— E é uma tentação para qualquer pessoa inteligente, sobretudo para os perfeccionistas como os antigos e nós próprios, tentar matar o eu primitivo, emotivo e concupiscente. Mas isso é um erro.

— Porquê? — perguntou Francis, inclinando-se ligeiramente para a frente.

Julian ergueu uma sobrancelha; o seu nariz sábio e comprido conferia um ângulo arrojado ao seu perfil, como um baixo-relevo etrusco. — Porque é perigoso ignorar a existência do irracional. Quanto mais cultivada é uma pessoa, quanto mais inteligente, quanto mais

reprimida, maior é a sua necessidade de canalizar os impulsos primitivos que tanto se esforça por submeter. De outro modo essas forças poderosas vão-se acumulando e reforçando até se tornarem suficientemente violentas para se conseguirem libertar, demasiado violentas para que possam continuar a ser proteladas, e, muitas vezes, suficientemente violentas para subjugarem totalmente a vontade. Um bom alerta para o que pode acontecer na ausência de uma tal válvula de escape é o exemplo dos romanos. Os imperadores. Pensem, por exemplo, em Tibério, o afilhado malparecido tentando conduzir-se à altura do comando do seu padraсто Augusto. Pensem na pressão tremenda, impossível, a que ele deverá ter sido sujeito, ao seguir os passos de um salvador, de um deus. Era odiado pelas gentes. Por mais que se esforçasse nunca conseguiria ser suficientemente bom, jamais se conseguiria livrar do seu eu odioso, até que as comportas rebentaram. Foi varrido na torrente das suas perversões e morreu, velho e louco, perdido nos jardins do prazer em Capri, onde nem sequer foi feliz, como se poderia esperar, mas miserável. Antes de morrer escreveu uma carta ao Senado. «Possam todos os Deuses e Deusas infligir-me uma destruição mais cabal do que aquela de que padeço dia após dia.» Pensem naqueles que lhe sucederam. Calígula. Nero.

Fez uma pausa. — O génio romano, e a sua desgraça, talvez — disse ele —, era a obsessão da ordem. É possível ver isto na sua arquitetura, literatura, leis — esta recusa obstinada das trevas, da irracionalidade, do caos. — Riu-se. — Não é difícil de ver por que é que os romanos, normalmente tão tolerantes para com as religiões estrangeiras, perseguiram os cristãos de forma tão impiedosa — que absurdo pensar que um vulgar criminoso pudesse ressuscitar do mundo dos mortos, que horror ver como os seus seguidores o celebravam bebendo o seu sangue! Esta falta de lógica assustava-os e fizeram tudo para a esmagar. Na verdade, julgo que a razão que os levou a tomar medidas tão drásticas foi não só o facto de se sentirem assustados como também terrivelmente atraídos pelo cristianismo. Os pragmáticos costumam ser estranhamente supersticiosos. Pois por maior que fosse a sua lógica, terá existido algum povo a viver mais profundamente aterrorizado pelo sobrenatural do que os romanos?

«Os gregos eram diferentes. Nutriam uma paixão pela ordem e pela simetria, tal como os romanos, mas sabiam reconhecer o erro que era negar o mundo não visível, os velhos deuses. A emoção, as trevas, a barbárie. — Olhou para o teto por um momento, com uma expressão quase apreensiva. — Lembra-se daquilo que estávamos a dizer há pouco, como as coisas terríveis e sangrentas são por vezes as mais belas? — disse ele. — É uma ideia muito grega, e muito profunda.

A beleza é o terror. Tudo o que achamos belo faz-nos estremecer. E o que haverá de mais aterrador e de belo, para almas como as gregas e as nossas, do que perder totalmente o controlo? Livrarmo-nos dos grillhões do ser por instantes, estilhaçarmos o acidente do nosso eu mortal? Eurípides fala-nos das Ménades: cabeça atirada para trás, garganta para as estrelas, «mais cervinas do que humanas». Ser-se completamente livre! Claro que uma pessoa é perfeitamente capaz de libertar estas paixões de maneiras mais vulgares e menos eficientes. Mas quanta glória em libertá-las de uma rajada só! Cantar, gritar, dançarmos descalços na floresta a meio da noite, tão cientes da nossa mortalidade como um animal selvagem! Estes são mistérios poderosos. O mugir dos bois. Fontes de mel brotando do chão. Se formos suficientemente fortes nas nossas almas podemos rasgar o véu e olhar de frente para essa beleza nua e terrível; deixar que Deus nos consuma, nos devore, nos desmembre os ossos. Para nos cuspir renascidos cá para fora.

Estávamos todos inclinados para a frente, petrificados. O meu queixo tinha caído para baixo; estava estranhamente ciente da minha própria respiração.

— E é essa, para mim, a terrível sedução dos rituais dionisíacos. Difícil de imaginar para nós. A chama do ser puro.

* * *

Depois da aula, vagueei escadas abaixo como num sonho, sentia-me tonto, mas aguda e dolorosamente consciente de estar vivo e na flor da juventude num belo dia de sol. O céu de um azul profundo e pungente, o vento a espalhar as folhas amarelas e vermelhas num torvelinho de *confetti*.

A beleza é o terror. Tudo o que achamos belo faz-nos estremecer.

Nessa noite escrevi no meu diário: «Agora as árvores são esquizofrénicas e começam a perder o controlo, enraivecidas perante o choque das suas cores novas e pungentes. Alguém — Van Gogh, talvez? — disse que o laranja é a cor da insânia. *A beleza é o terror*. Queremos ser devorados por ela, esconder-nos nesse fogo que refina.

* * *

Entrei no posto dos correios (estudantes enfatiados, tarefas rotineiras) e, ainda meio abananado, escrevinhei um postal ilustrado para a minha mãe — bordos flamejantes, um regato na montanha. Uma frase nas costas alertava: *Venba ver a folhagem de outono de Vermont no seu período de maior fulgor, entre 25 de setembro e 15 de outubro*.

Enquanto o punha no marco do correio, vi Bunny do outro lado da sala, de costas para mim, escrutinando a fila de caixas numeradas. Deteve-se naquela que parecia ser a minha, e dobrou-se para enfiar algo lá para dentro. Depois endireitou-se de um modo sub-reptício, e saiu apressadamente, com as mãos nos bolsos e o cabelo a esvoaçar por todo o lado.

Eu esperei que ele sáísse, e dirigi-me à minha caixa do correio. Lá dentro, encontrei um envelope beje — papel grosso, rugoso e muito formal — mas a letra, a lápis, era atabalhoada e bastante infantil. O bilhete também era a lápis, em letra minúscula, irregular e de leitura difícil:

Richard meu Velho

Que Dizes de Almoçarmos juntos no Sábado,
talvez por volta da 1? Conheço um sítio Fantástico.

Cocktails, tudo à maneira. Por minha conta. Conto contigo.

Um Abraço,

Bun

PS — Traz uma Gravata. Tenho a Certeza que irias trazer uma de qualquer maneira, senão, vão-te buscar uma horrível lá atrás e obrigam-te (dica para principiantes) a Usá-la.

Eu examinei o cartão, guardei-o no bolso, e ao aproximar-me da porta quase tropecei no Dr. Roland, que ia a entrar nesse preciso momento. A princípio pareceu não se lembrar de quem eu era. Mas quando eu já pensava que me ia conseguir safar, a maquinaria perra da sua cara começou a ranger e lá arriou um cartão de reconhecimento aos solavancos do proscénio poirento.

— Bom dia, Doutor Roland — disse eu, perdendo a esperança.

— Que tal é que se tem portado, rapaz?

Referia-se ao meu carro imaginário. Socorro, tirem-me deste filme!

— Bem — disse eu.

— Foste à Auto-Redentora?

— Sim.

— Admissão.

— Sim — disse eu, e só então me lembrei que antes lhe dissera que o problema era na transmissão. Mas o Dr. Roland iniciara já uma palestra altamente instrutiva acerca dos cuidados e funções da gaxeta.

— E isso — concluiu ele — é o principal problema dos carros estrangeiros. Pode gastar-se muito óleo por causa disso. A seguir é só juntar latas de Penn State. E as latas de Penn State não caem do céu.

Lançou-me um olhar significativo.

— Quem é que te vendeu a gaxeta? — perguntou ele.

— Não me recordo — disse eu, vacilando num assomo de enfado mas deslizando impercetivelmente em direção à porta.

— Foi o Bud?

— Acho que sim.

— Ou o Bill. O Bill Hundy é bom.

— Estou em crer que era o Bud — disse eu.

— O que é que achaste daquele gaio azul?

Eu não tinha a certeza se isto se referia a Bud ou a um gaio azul a sério, ou se não estaríamos, porventura, a entrar no território de uma demência senil. Às vezes era difícil de acreditar que o Dr. Roland fosse um professor efetivo no Departamento de Ciências Sociais de uma universidade tão distinta como era esta. Parecia mais um velho excêntrico e palrador, desses que se sentam ao nosso lado no autocarro a tentar mostrar-nos os pedacinhos de papel que trazem dobrados na carteira.

Estava ele a rememorar algumas das informações que me facultara sobre as gaxetas e eu à espera de uma boa oportunidade para me lembrar, subitamente, que estava atrasado para um encontro, quando o Dr. Blind, velho amigo do Dr. Roland, se arrastou penosamente até junto de nós com uma vénia, apoiado na sua bengala. O Dr. Blind (pronunciava-se «Blend») tinha perto de noventa anos de idade e ensinava, de há cinquenta anos a esta parte, uma cadeira denominada «Subespaços Invariáveis», famosa pela sua monotonia e quase total ininteligibilidade, bem como pelo facto de o exame final, tanto quanto havia memória, consistir numa única e mesma pergunta de sim-ou-não. Era uma pergunta de três páginas mas a resposta era sempre «Sim». Era tudo o que era preciso saber para passar a Subespaços Invariáveis.

Era um palrador ainda mais temível do que o Dr. Roland, se é que isso é possível. Juntos, pareciam formar uma aliança invencível como nos livros de super-heróis, uma confederação inabalável de tédio e confusão. Eu balbuciei uma desculpa e esquivei-me dali para fora, deixando-os entregues às suas prodigiosas agudezas de espírito.